



BETAR & ARTES & LETRAS

#182 | NOVEMBRO | 2025

Misty Fest

um festival de música para todos os gostos

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



**Belas Clube de Campo 13-14
(arquitetura da AQA e projeto de estruturas BETAR)**

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Entre muitos e variados espetáculos, novembro destaca-se por três festivais que são já marcos culturais, o Misty Fest, com uma curadoria musical exigente, que atravessa vários estilos, da folk à música orquestral, do jazz ao fado, do rock à eletrônica; o Alcantara Festival, festival internacional de dança, teatro e performance; e o LEFFEST – Lisboa Film Festival, com dez dias de filmes e debates, em oito palcos diferentes, onde o cinema se cruza com a música, a literatura e a reflexão.

Para além destes eventos, são também de evidenciar três exposições: “Luísa Correia Pereira. Possibilidades de expressão”, organizada pela Culturgest no Panteão Nacional; “João Machado: Poética Visual”, no MUDE; e “Xerazade, a Coleção Interminável do CAM”, no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Quanto a peças de teatro, sugerimos “Ecrã Total”, no Teatro da Comuna, em Lisboa; “Titus”, no Teatro Carlos Alberto, no Porto; e “A Senhora Klein”, em cena no Teatro Meridional, também na capital. E na música as propostas passam por Something Else, grupo de soul jazz que atua no CCB; Ornatos Violeta, que voltam a reunir-se no Teatro Tivoli; Mumford & Sons, banda britânica de folk-rock que promete encher o Campo Pequeno; e algures no Porto, porque o Porto Sounds Secret só divulga as salas muito próximo da data dos eventos, A Garota Não promete uma reflexão sobre os tempos atuais.

O entrevistado desta edição, a quem muito agradecemos ter aceite o nosso convite, é o Arq. Rodrigo Vieira da Fonseca, sócio da AQA – Arquitetos Associados.



José Ferreira

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

O Ombria Resort é um empreendimento sustentável premium, projetado e construído de acordo com os mais altos padrões internacionais



Ombria Resort é uma propriedade localizada entre as aldeias de Tor e Querença, no Algarve, com 153 hectares. Inclui um hotel de 5 estrelas, villas e outras unidades residenciais, SPA, campo de golfe e centro de conferências. Dada a diversidade de funções pretendidas, e a flexibilidade desejável no arranjo dos espaços interiores, os edifícios apresentam, sempre que possível, soluções estruturais pouco intrusivas na arquitetura e nas restantes especialidades. Desse modo, optou-se primordialmente por lajes fungiformes, vigadas apenas na periferia dos blocos estruturais (ou em quebras de pavimento geradas na transição interior/exterior dos pavimentos). O trabalho incluiu, ainda, uma extensa campanha de sondagens geotécnicas, bem como o projeto de contenção tipo Berlinense na periferia do Castelo e taludes pregados na generalidade das escavações.

Ombria Resort – Hotel Viceroy, Loulé, Portugal

Projeto: 2015-2018

Obra: 2024

Promotor: Pontos Group

Arquitetura: Promontório
Arquitectos

Âmbito: Fundações e
estruturas, escavação
e contenção periférica,
redes de drenagem e
abastecimento de águas,
estudo geológico e
geotécnico

À CONVERSA COM

Arq. Rodrigo Vieira da Fonseca

“A AQA (...) é um projeto ambicioso, diferenciador e transformador. [...] Queremos ser uma referência na arquitetura, (...) crescer de modo sustentado (...) e deixar um legado para o futuro”



ARQ. RODRIGO VIEIRA DA FONSECA

Por forma a conhecê-lo melhor, gostaria que nos contasse como surgiu o gosto pela arquitetura?

Temos de escolher a área que queremos estudar muito cedo e eu na altura, sem grandes certezas, pensei que ia para engenharia. Embora também tivesse uma “veia criativa”, nunca me tinha passado pela cabeça ir para arquitetura. O meu pai que era engenheiro sugeriu então que fosse passar uns dias na empresa de engenharia metalomecânica em que trabalhava, e também num escritório de arquitetura, o INTERGAUP do Nuno Vieira da Fonseca, meu tio, e do Diogo Lima Mayer. Comecei por ir ao INTERGAUP e identifiquei-me logo com aquele ambiente. Em dois dias já tinha decidido que seria aquele o meu futuro profissional, e não cheguei a ir ver a empresa de engenharia.

Foi o melhor começo que podia ter tido, uma vez que desenvolveu trabalho nas mais diversas áreas?

Na altura, quando comecei o curso, o escritório ainda era pequeno, tinha umas 10 pessoas, e como era perto da faculdade, na baixa de Lisboa, eu tinha facilidade em passar por lá. Ia quando queria, sem grande regularidade, e ajudava no que podia, mas foi a forma de começar a ter contacto com a profissão em paralelo com os estudos. Desde muito cedo gostei mais de estar no escritório do que na faculdade e, a partir do segundo ano, estava já regularmente no escritório. O curso passou um pouco para segundo plano, e hoje até me arrependo

um pouco de não ter aproveitado mais a vida académica, mas acabou também por ser determinante na minha formação, com a oportunidade de participar nos mais diversos tipos de projetos. O ritmo era elevado e foi uma experiência muito enriquecedora, num escritório que começava a ganhar dimensão muito rapidamente e num excelente ambiente. Só no quinto ano é que me dediquei mais à faculdade, para fazer o projeto final de curso, e então interrompi o meu percurso no INTERGAUP.

Recentemente, foi sócio fundador da AQA – Arquitetos Associados, que resulta da fusão da INTERGAUP e da RMS Arquitetos. O que é que está na base da criação do atelier?

Fiz o meu percurso como arquiteto no INTERGAUP e em 2005 fui convidado para sócio. Em 2019 houve uma mudança societária, tendo entrado para novos sócios o Gonçalo Mayer e o Rui Carvalho, com quem fiquei a liderar o escritório desde então. Em 2025, fizemos a fusão com a RMS, que deu origem à AQA.

E porquê? Eram colegas, amigos, que partilhavam uma visão comum?

Éramos colegas e amigos. Conhecemo-nos no INTERGAUP onde o Rodrigo Machado Soares (da RMS) iniciou a sua carreira. Depois saiu, em 2005, e seguiu o seu percurso profissional até fundar a RMS. De vez em quando encontrávamo-nos e discutíamos as problemáticas da profissão, até que há cerca de um ano, num desses encontros, surgiu uma visão



de um projeto comum. A AQA não resulta da simples junção das duas sociedades, é muito mais do que isso, é um projeto ambicioso, diferenciador e transformador no panorama da nossa atividade.

Resulta também da consciência que a atividade está a mudar, vivemos a uma velocidade vertiginosa, e a exigência é cada vez maior. Precisávamos de ter uma empresa mais robusta, mais estruturada e organizada, com maior dimensão, que nos traz mais flexibilidade e capacidade de resposta ao cliente. Este é um aspeto. O outro foi ter o foco nos nossos colaboradores, tendo sido criado um sistema de progressão na carreira e incentivos em função de metas a atingir. De certo modo foi trazê-los para o negócio, a partilhar resultados e a pensar um pouco como nós, sócios, mas também a assumirem mais responsabilidade. Queremos criar condições para atrair e reter o talento. Por outro lado, mudámos a forma de organizar a produção. Formámos equipas de trabalho, mais autónomas e unidas, responsáveis por um conjunto de projetos e lideradas por um coordenador que organiza e distribui o trabalho dentro da equipa. Este é o primeiro ano do “Projeto AQA” mas tem sido muito recompensador, porque

sentimos de facto uma outra atitude e resposta. São grandes transformações, e penso que está a ter um excelente resultado.

Como define a forma de pensar e fazer arquitetura do AQA?

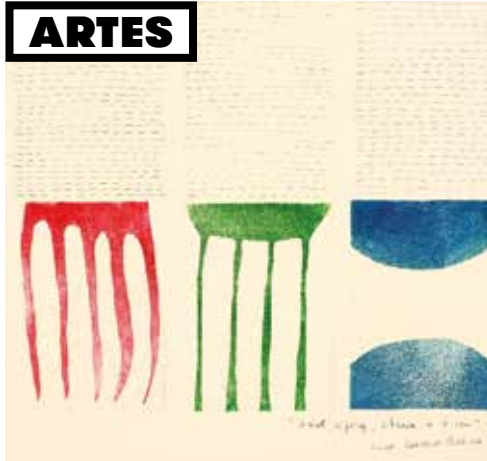
O nosso ADN não mudou, tanto na INTERGAUP, como na RMS, como agora na AQA, o foco sempre foi a resposta ao cliente aliada a uma arquitetura de qualidade. Isso é fundamental, fazer a arquitetura de que gostamos, mas sem pôr em causa os princípios que nos norteiam.

Qual é a sua visão para o futuro?

Pretendemos naturalmente dar continuidade ao projeto AQA. É muito recente, e ainda há muito por fazer. Neste curto período, cerca de seis meses, tivemos de conciliar muitas mudanças com o trabalho do dia-a-dia. Sentimos que estamos no caminho certo, mas é sempre difícil alterar os hábitos. Precisamos de tempo e amadurecer as mudanças. Queremos ser uma referência na arquitetura e, enquanto empresa, com a capacidade de crescer de modo sustentado, de se inovar e autorregenerar, e permitindo deixar um legado para o futuro.

SUGESTÕES

ARTES



Luísa Correia Pereira. Possibilidades de expressão.

A Culturgest regressa ao trabalho de Luísa Correia Pereira, na altura em que se assinalam os 80 anos do seu nascimento, fazendo uma seleção das suas obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos. Considerada um nome maior, embora tardiamente descoberto, na história da arte contemporânea portuguesa, Luísa Correia Pereira criou o que agora se mostra no Panteão, explorando técnicas de impressão como gratage, monotipia, xilogravura, água-forte e água-tinta. A sua obra gráfica reflete uma liberdade de criação e de imaginação invulgar nas formas, nas cores e nas narrativas que representa.

ATÉ 28 DE DEZEMBRO

Panteão Nacional, Lisboa

ARTES

João Machado: Poética Visual

Uma figura incontornável na história do design gráfico em Portugal, João Machado privilegia o cartaz e a ilustração, evidenciando-se também na filatelia e no design editorial e corporativo. As suas obras, que receberam reconhecimento nacional e além-fronteiras, têm um carácter multifacetado. Cartazes, livros, logotipos e selos da sua autoria são exibidos nesta exposição que destaca a dimensão poética do seu trabalho e a forma como se foi constituindo como uma identidade muito própria. Contextualizada cronologicamente, a mostra oferece uma leitura sobre as diferentes fases do trabalho de João Machado.

ATÉ 4 DE JANEIRO



MUDE - Museu do Design, Lisboa

Entre muitos e variados espetáculos, novembro destaca-se por três festivais que são já marcos culturais, o Misty Fest, o Alkantara Festival e o LEFFEST – Lisboa Film Festival

ARTES



Xerazade, a Coleção Interminável do CAM

Os tesouros da Gulbenkian estão de volta. Há praticamente um ano, o CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian abriu as portas depois de um encerramento para obras. Apresentava então um novo conceito onde as peças mais emblemáticas, como as de Amadeo de Souza-Cardoso e de Almada Negreiros, estavam meio escondidas na sala de reservas. Agora, inspirada no dispositivo ficcional da história de Xerazade, das 1001 noites, o CAM propõe uma exposição da sua coleção como um livro (em) aberto, que será periodicamente alterada, com mudanças de obras, procurando acertos com o tempo complexo da História. A Coleção do CAM cresce todos os anos através do seu programa de aquisições e a multiplicidade de histórias e pontos de vista que as suas 12.000 obras já permitiram – e continuarão a permitir – é interminável. **DESDE SETEMBRO DE 2025**

Centro de Arte Moderna
Gulbenkian, Lisboa

TEATRO



Ecrá Total

Ana e Mário estão casados há 15 anos, mas a rotina, e os ecrãs, criaram mundos paralelos. À espera de uma consulta de terapia de casal, veem os seus segredos começarem a vibrar, literalmente. Ele esconde um amante e um grave diagnóstico de saúde. Ela mantém um flirt virtual, prestes a sair do chat para a vida real. No palco, dois atores multiplicam-se em personagens, dando corpo e voz às mensagens que inundam os smartphones. Guiada pelo vigilante e implacável algoritmo, esta é uma comédia sarcástica e totalmente atual sobre vidas hiperconectadas, ditadura digital e relações humanas.

DE 5 A 29 DE NOVEMBRO

Teatro da Comuna, Lisboa

TEATRO

Titus

A primeira tragédia escrita por William Shakespeare, “Titus Andronicus”, é marcada por uma violência extrema e um retrato grotesco do colapso da civilização. Nesta adaptação, a obra ganha uma nova vida – mais próxima da atualidade do que gostaríamos de admitir. Trata-se de um ensaio sobre a permanência dos mecanismos de vingança, poder e desumanização que atravessam os séculos. Em tempos de guerra, radicalização e normalização da violência, a brutalidade romana funde-se com os traumas do mundo contemporâneo, numa versão que propõe um espelho desconfortável, mas necessário, sobre o nosso presente.

DE 27 DE NOVEMBRO A 7 DE DEZEMBRO



Teatro Carlos Alberto, Porto

TEATRO



A Senhora Klein

A psicóloga Melanie Klein é ainda hoje uma referência na psicanálise aplicada a crianças, sobretudo em Inglaterra, onde se fixou em 1920. Se algumas das suas teorias geraram algumas controvérsias, o que dizer da relação que estabeleceu com os filhos. Foi, precisamente, esse relacionamento complexo, nomeadamente com Melitta, a filha mais velha, que interessou ao dramaturgo britânico Nicholas Wright.

A ação decorre em 1934, após a devastadora morte do filho do meio, Hans. Melanie Klein, com um longo historial de depressão, confronta-se com Melitta, opositora pública às suas teorias, que defende que o irmão terá cometido suicídio para desafiar o autoritarismo da mãe. Na batalha entre as duas, surge então Paula, uma jovem psicanalista em fuga da Alemanha de Hitler, que se revela uma minuciosa observadora. **ATÉ 9 DE NOVEMBRO**

Teatro Meridional, Lisboa
Texto: Nicholas Wright
Encenação: Natália Luiza
Interpretação: Ana
Catarina Afonso, Nídia
Roque e Raquel Oliveira.

MÚSICA



Something Else

DIA 16 DE NOVEMBRO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

Considerados como o “Jazz Super Group”, os Something Else! continuam a redefinir a dinâmica do soul jazz. Este septeto de músicos de primeira linha reúne uma energia que é verdadeiramente contagiante, misturando novas versões de músicas clássicas com composições originais, todas ricas em improvisações magistrais.

Porto Sounds Secret: A Garota Não

DIA 23 DE NOVEMBRO EM LOCAL A DEFINIR, PORTO

O projeto de Cátia Mazari Oliveira, mais conhecida por “A Garota Não”, promete levar ao Porto uma reflexão sobre os tempos atuais, com letras interventivas e uma viagem social e política. Só ainda não se sabe onde vai atuar, porque no Porto Sound Secrets, as salas só são anunciadas em cima da data do evento.



Ornatos Violeta

DIAS 14 E 15 DE NOVEMBRO NO TEATRO TIVOLI BBVA, LISBOA

Manel Cruz, Nuno Prata, Peixe e Kinörm voltam a reunir-se. Os Ornatos Violeta, que se distinguem pela intemporalidade das letras e das melodias, e continuam a conquistar as novas gerações, prometem dois concertos de proximidade, com diferentes arranjos musicais dos temas mais conhecidos do grande público.



Mumford & Sons

DIA 25 DE NOVEMBRO NO SAGRES CAMPO PEQUENO, LISBOA

A banda britânica de folk-rock prepara-se para editar o seu novo álbum, Rushmore, mas antes faz uma digressão de arenas, com início em Estocolmo e fim em Londres. Esta tour de concertos marca o início da nova fase dos Mumford & Sons, após um intenso período de criatividade para o trio.



MÚSICA

Misty Fest

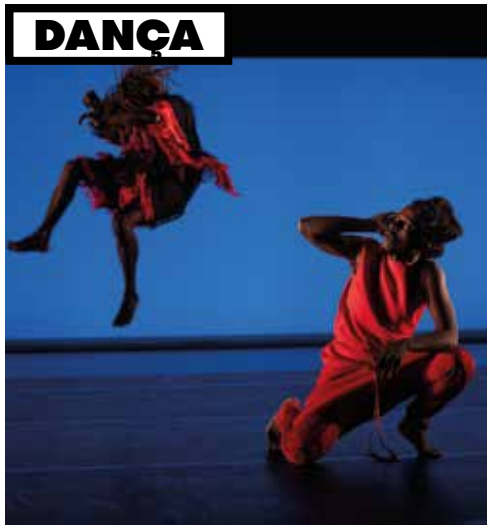


Em 2025, o Misty Fest chega à 16ª edição e reforça a sua posição como um dos festivais mais distintivos do calendário cultural português. Com uma curadoria musical exigente, que atravessa vários estilos - da folk à música orquestral, do jazz ao fado, do rock à eletrónica -, o cartaz está preenchido com artistas de referência para a crítica nacional e internacional como Salomão Soares Trio, Gustavo Santaolalla, Moisés P. Sánchez, Makaya McCraven, Danças Ocultas, Joep Beving, Lina_ & Marco Mezquida, Federico Albanese, Grandbrothers, Maquina, Travo, Shai Maestro, Sétima Legião, Sofia Leão, Dobrawa Czocher, Julianna Barwick, José Peixoto & Nuno Cintrão, entre outros. Lisboa e Porto continuam a ser os centros nevralgicos do festival, mas o Misty estará noutras cidades.

ENTRE 2 DE NOVEMBRO E 1 DE DEZEMBRO EM VÁRIAS CIDADES

Programa completo em
misty-fest.com.

DANÇA



Alkantara Festival

O festival internacional de dança, teatro, performance e encontros de Lisboa, que procura o cruzamento de diferentes práticas artísticas, por artistas de diversas proveniências, pretende elevar a voz perante questões urgentes nas sociedades contemporâneas. O espetáculo de abertura do Alkantara Festival 2025 é “umuko”, a nova peça da coreógrafa ruandesa Dorothée Munyaneza. Os outros nomes que trazem a Portugal as suas propostas são: Noha Ramadan, Chiara Bersani, Mario Barrantes Espinoza, Stephanie Kayal & Abed Kobeissy, Luísa Saraiva, Vânia Doutel Vaz, María del Mar Suárez e Francisco Thiago Cavalcanti.

ENTRE 14 E 23 DE NOVEMBRO

Teatro Nacional D. Maria II, Centro Cultural de Belém, Centro de Arte Moderna - Gulbenkian, Culturgest e Teatro do Bairro Alto, Lisboa

DANÇA

Welcome to burlesque

Esta é a quarta edição de um espetáculo onde se vivenciam momentos enriquecedores através de diferentes estilos de dança, música ao vivo, ginástica e arte. Um evento inteiramente dedicado ao público e interpretado por excelentes bailarinos, ginastas e músicos que, com muita criatividade, se inspiram no tema do filme musical “Burlesque” para impulsionar toda a narrativa do espetáculo. Repleta de emoções fortes, esta será com certeza uma noite de explosão de arte, com a junção de várias artes num só palco!

DIA 19 DE NOVEMBRO



Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra

CINEMA



LEFFEST – Lisboa Film Festival

Dez dias de filmes e debates, em oito palcos diferentes, onde o cinema se cruza com a música, a literatura e a reflexão. Este é o LEFFEST, que abre com o Leão de Ouro de Veneza “Father Mother Sister Brother” e vai contar com regresso de “Mektoub, My Love, Canto Due”, de Abdellatif Kechiche. O filme estará em competição, tal como “Where to Land”, de Harl Hartley; o vencedor da Câmara de Ouro em Cannes e concorrente à nomeação para o Óscar de Melhor Filme Internacional, “The President’s Cake”, de Hasan Hadi; “Blue Moon”, de Richard Linklater; “Entroncamento”, do português Pedro Cabeleira; “Mirroirs no 3”, de Christian Petzold; “The Sun Rises on us All”, de Cai Shangjun; e “Songs of Forgotten Trees”, de Anupama Roy, revelação na Biennale deste ano. Serão homenageados Isabel Ruth, Wagner Moura, Miranda Richardson e Marisa Paredes. **DE 7 A 16 DE NOVEMBRO**

Lisboa: Cinema São Jorge, Cinema Medeia Nimas, Culturgest, Teatro do Bairro, Galeria Zé dos Bois e NOS Amoreiras
Amadora: Auditório dos Recreios da Amadora e Cineteatro D. João V

MOÇAMBIQUE

MÚSICA

Ivan Mazuze Penuka Ensemble

Centro Cultural Franco-Moçambicano, Maputo

O renomado saxofonista moçambicano Ivan Mazuze retorna, finalmente, à sua terra natal para uma apresentação imperdível com o seu “Penuka Ensemble”. Este concerto marca a estreia oficial do álbum “Penuka” em Moçambique, após uma trajetória internacional de sucesso. Lançado em 2024, Penuka é uma obra musical profundamente enraizada nas tradições africanas, explorando ritmos pan-africanos com influências marcantes das culturas árabe e indiana. O álbum é uma fusão sofisticada entre o jazz contemporâneo e sonoridades globais, criando uma paisagem sonora rica, espiritual e envolvente.

DIA 7 DE NOVEMBRO



DANÇA



KINANI

CCFM, Cine África e Teatro Avenida, Maputo

Maputo será o palco da dança contemporânea com o festival internacional KINANI. A 11.a edição apresenta a estreia de “Dzudza”, de Idio Chichava, no dia 24, que cruza tradição, migração e urbanidade. Dia 25 é a vez de Osvaldo Passirivo, com “WHY” que, com movimentos intensos e carregados de emoção, procura respostas para as grandes perguntas da vida. A 27 é a vez de Janeth Mulapha apresentar a nova peça da “Nzula - Filhas do Índico”, dança de raiz feminina com muito poder. De Angola, Bibiana Figueiredo regressa para estreiar “Vidas de Pedra”, uma história, como tantas outras, de mulheres, meninas, mães e avós.

ENTRE 24 E 30 DE NOVEMBRO

EUROPA

ARTES

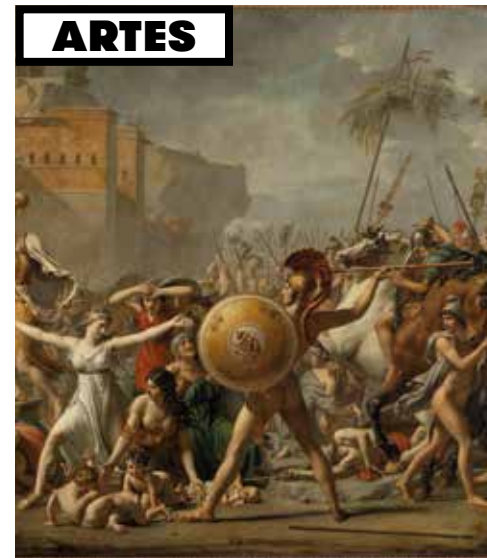
Warhol, Pollock e outros espaços americanos

Museu Nacional Thyssen-Bornemisza, Madrid

Andy Warhol tinha um fascínio por Jackson Pollock e esta exposição coloca, lado a lado, parte da obra desses dois nomes-chave da arte do século XX, juntando outros artistas que também se interessaram por questões relacionadas com as novas estratégias espaciais e procuram novas formas de olhar o mundo. Warhol e Pollock são duas figuras extraordinariamente complexas, aparentemente muito diferentes, mas unidas pelo interesse na mudança da tradição pictórica, pelas questões espaciais e pelo fascínio pelos grandes formatos. A oportunidade de ver reunidas em Espanha tantas obras destes dois artistas é singular. **ATÉ 25 DE JANEIRO**



ARTES



Jacques-Louis David

Museu do Louvre, Paris

Considerado o pai da Escola Francesa, Jacques-Louis David foi reverenciado por dar novo fôlego à pintura. Produziu imagens que até hoje habitam o imaginário coletivo como “A Morte de Marat a Napoleão”, “Travessia dos Alpes” e “A Coroação de Napoleão”, pinturas que são o filtro através do qual imaginamos os grandes momentos da Revolução Francesa e a sociedade do período do Império Napoleônico. Para marcar o bicentenário da sua morte, o Museu do Louvre oferece uma nova perspectiva sobre a sua obra de extraordinária riqueza e diversidade, reunindo 100 obras emprestadas por diversas coleções.

ATÉ 26 DE JANEIRO

PARA LER



Uma gaiola de ouro Camilla Lackberg

Aparentemente, Faye parece ter tudo. Uma filha perfeita, um marido famoso, que ama, e um apartamento de luxo na melhor zona de Estocolmo. Antes de desistir de tudo pelo marido, Jack, ela era uma mulher forte e ambiciosa. Quando ele a engana, o mundo de Faye desmorona-se e ela perde tudo, ficando completamente devastada. É então que decide retaliar e levar a cabo uma cruel vingança, enquanto recorda algumas memórias sombrias da sua infância em Fjällbacka. “Uma Gaiola de Ouro” é um romance destemido sobre uma mulher que foi usada e traída, até tomar conta do próprio destino.

Pão de Açúcar Afonso Reis Cabral

Em fevereiro de 2006, os Bombeiros Sapadores do Porto resgataram do poço de um prédio abandonado um corpo com marcas de agressões e nu da cintura para baixo. A vítima, que estava doente e se refugiara naquela cave, fora espancada ao longo de vários dias por um grupo de adolescentes. Rafa encontrara o local numa das suas habituais investidas às “zonas sujas” e decide partilhá-lo com os amigos. Romance vertiginoso sobre um caso verídico que abalou o país, fascinante incursão nas vidas de uma vítima e dos seus agressores, “Pão de Açúcar” é uma combinação magistral de factos e ficção.



VIAGEM

Macau e Hong Kong

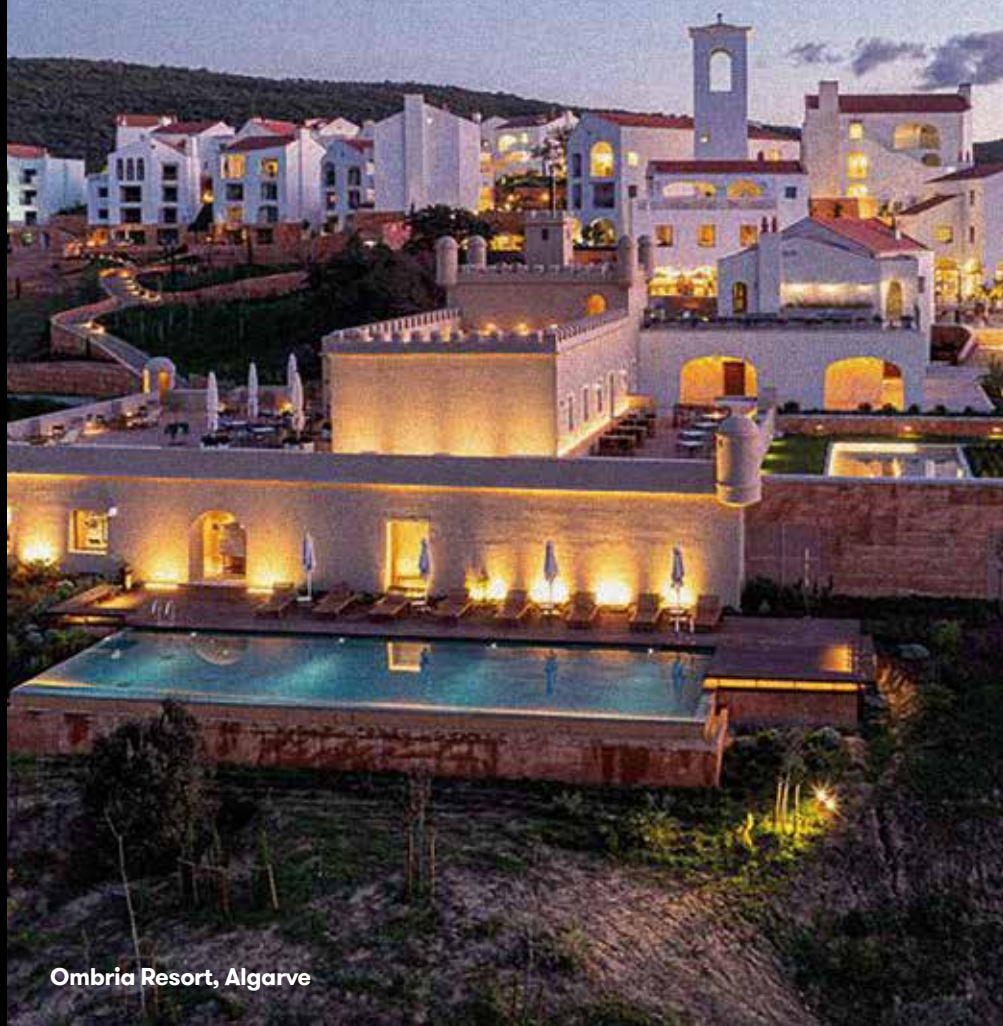
Inadvertidamente, quando sabemos que um país contém influências portuguesas, sentimos curiosidade de ver essas marcas. Há muitos anos que Macau deixou de pertencer a Portugal, mas ainda encontramos ruas com nomes escritos em português e uma enorme herança arquitetónica, desde a calçada às fachadas coloniais, igrejas, praças e fortes. Assim, acabou por ser muito curioso ver tantos traços portugueses num país do outro lado do mundo, ainda para mais, perfeitamente fundidos com a cultura oriental. Em relação a locais a visitar, destaco as Ruínas da Igreja de São Paulo; o Teatro D. Pedro V e a zona colonial da cidade, onde se inclui a Rua da Felicidade, com antigas lojas e restaurantes. A contrastar com a parte mais tradicional, encontramos os imponentes casinos da “Las Vegas do Oriente”.

Uma hora de ferry separa Macau de Hong Kong e existem grandes contrastes. A imagem de Hong Kong, apesar de circundada por muitas florestas e montanhas, é a de uma metrópole moderna, repleta de arranha-céus que se erguem a partir do mar, cujas melhores vistas são do Victoria Peak. Por outro lado, também encontramos edifícios coloniais em Tai Kwun; templos icónicos como o Man Mo e o Chi Lin Nunnery; mercados antigos como o Western Market; e jardins tranquilos como o Nan Lian Garden. Sugiro também ir de teleférico até à Ilha de Lantau para visitar o Tian Tan Buddha e depois a vila piscatória de Tai O, conhecida pelas suas casas construídas sobre estacas, onde pedimos peixe, a “rezar” para que fosse grelhado, mas trouxeram-no frito. Zero influência portuguesa aqui!

por Cátia Teixeira



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



Ombria Resort, Algarve